

SOBRE A DITONGAÇÃO DE VOGAIS NASAIS EM PORTUGUÊS EUROPEU

Heglyn Pimenta

Universidade Paris 8 (UMR 7023 SFL)

RESUMO: Neste capítulo, nos interessaremos por um fenômeno pouco estudado a respeito dos núcleos nasais do português: a ditongação de vogais nasais lexicais em fim de palavra (p. ex. *lã* [lã̃]) e, sobretudo, em posição não final (p. ex. *tanque* [tã̃ki]), na tentativa de identificar em que medida diferentes fatores fonético-fonológicos são responsáveis pela determinação do glide como sendo palatal [j] ou labiovelar quando uma vogal nasal ditonga. Para tal, analisaremos 1.197 atestações de ditongação das vogais nasais /ã, ê, õ/ extraídas da base de dados do ALEPG – *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza* (cf. SARAMAGO, 2006). Como veremos, um dos fatores determinantes, em posição final como não final, é o timbre da vogal que ditonga. Em seguida, outros fatores importantes são a consoante seguinte em ataque e o timbre da vogal final em posição não final e, em posição final, a presença de [ɲ] no ataque precedente, a influência do ditongo nasal lexical *-ão*, assim como a região geográfica.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre os núcleos nasais do português, língua que possui cinco vogais nasais /ĩ, ê, ã, õ, ã/¹ e quatro ditongos nasais /ãĩ, ãw, õj, ãj/, podem ser divididos em dois grandes campos: os diacrônicos e os sincrônicos. Os estudos diacrônicos se concentram nas mudanças históricas que levaram à criação das vogais e ditongos nasais da língua (CARVALHO, 1989; MARTINS, 1995; SAMPSON, 1999). Os sincrônicos, por sua vez, que tendem a tratar separadamente vogais e ditongos nasais, podem se concentrar no aspecto fonético ou fonológico. No que concerne aos estudos de caráter fonético, além daqueles voltados para a síntese articulatória (TEIXEIRA *et al.*, 2001), muitos se concentram, sobretudo, nos gestos articulatorios que levam à produção das vogais nasais, que contêm duas ou três fases: um início vocálico oral, uma parte vocálica nasal e eventualmente uma terceira fase, chamada de apêndice nasal, em que a nasalização se mantém mesmo após a oclusão da consoante seguinte (SEARA, 2000; SOUSA, 1994; CUNHA *et al.*, 2019). Do ponto de vista fonológico, por sua vez, as vogais nasais são geralmente consideradas como uma sequência bifonêmica /VN/, onde /V/ é uma vogal oral e /N/ é um segmento nasal subespecificado (BISOL; VELOSO, 2016; MATEUS; ANDRADE, 2000; WETZELS, 1997) ou, mais raramente, como uma sequência bifonêmica /VÑ/, em que o segundo elemento possuiria uma natureza vocálica, e não consonântica (CARVALHO, 1988; PARKINSON, 1983; PIMENTA, 2019).

Quanto aos ditongos nasais, a maioria dos estudos se concentram no aspecto morfofonológico da terminação *-ão* e de seus plurais *-ãos*, *-ães* e *-ões* (BISOL, 2002; FERREIRA, 2009; VELOSO, 2005), distinguindo ditongos pesados, que contêm um marcador de classe, de ditongos leves, sem marcador de classe (BISOL; VELOSO, 2016; MATEUS; ANDRADE, 2000).² Outros estudos se concentram ainda na migração de formas plurais etimológicas em *-ãos* e *-ães* para a forma *ões* (HUBACK, 2007), na redução de ditongos nasais postônicos a monotongos, como em *órfão* [ˈɔrfɐw̃] ~ [ˈɔrfu] (BATTISTI, 2014), ou, mais raramente, no caráter sociolinguístico da ditongação da vogal nasal /ẽ/ em posição interna na variedade

¹ Quando tratamos de vogais nasais, nos referimos às unidades que se opõem às vogais orais (p. ex. em *anjo*, cuja vogal nasal se opõe à vogal oral de *ajo*), excluindo assim as vogais nasalizadas produzidas antes de uma consoante nasal, como em *cama*, *sono*.

² A posição adotada no presente capítulo quanto à análise fonológica visa a unificação da estrutura dos núcleos nasais do português ao considerar que tanto vogais quanto ditongos nasais possuem a estrutura silábica de um núcleo complexo, o que significa que tanto as primeiras quanto os segundos são pesados, independentemente da presença ou ausência de um marcador de classe. Consideramos, ainda, que os ditongos nasais finais não são derivados, mas lexicais, o que significa que não são analisáveis morfológicamente.

de português brasileiro de São Paulo (OUSHIRO; MENDES, 2014). Enfim, os raros ditongos nasais lexicais não finais presentes nas palavras *cãibra*, *muito* e *zãibo* são geralmente tratados como exceção e deixados de lado das análises fonológicas (cf. BISOL, 2013, p. 120).

No que concerne à distribuição das sílabas contendo núcleos nasais nas palavras, como se pode ver na Tabela 1, as vogais nasais estão presentes em todas as posições (inicial, mediana e final), sejam estas acentuadas ou não, ainda que itens lexicais com vogais nasais finais sejam menos abundantes.

Tabela 1 – Exemplos de palavras contendo vogais nasais lexicais em sílaba pretônica, tônica e postônica em PE³

	Sílaba pretônica	Sílaba tônica		Sílaba postônica
	Posição não final	Posição não final	Posição final	Posição final
/ã/	<i>andorinha</i>	<i>banco</i>	<i>manhã</i>	<i>órfã</i>
/ẽ/	<i>enfeite</i>	<i>vento</i>	<i>além</i>	<i>ordem</i>
/ĩ/	<i>impossível</i>	<i>cinto</i>	<i>cetim</i>	<i>interim</i>
/õ/	<i>ponteiro</i>	<i>conta</i>	<i>bom</i>	<i>(náilon)</i>
/ũ/	<i>fundamento</i>	<i>fundo</i>	<i>comum</i>	<i>fórum</i>

Os ditongos nasais lexicais, por sua vez, estão presentes quase exclusivamente em posição final acentuada nas palavras simples (Tabela 2). Poucos itens lexicais contêm ditongos finais postônicos, enquanto ditongos nasais não finais são verdadeiras exceções, encontrados em palavras como *cãibra*, *zãibo* e *muito*.⁴ Ao analisar dados de variação dialetal, entretanto, pode-se encontrar realizações ditongadas de vogais nasais em posição não final que não foram lexicalizadas na língua padrão, como por exemplo em *banco* [bẽw̃ ku], forma encontrada nos distritos de Braga, Porto e Viana do Castelo na base de dados do ALEPG – *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza* (cf. SARAMAGO, 2006), projeto em curso desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

³ É interessante notar que a vogal nasal /ẽ/ em posição final apresenta uma realização ditongada [ẽj] em português europeu (PE) padrão (p. ex. *além* [a'lej], *ordem* ['ordẽj]), enquanto a vogal nasal /õ/ é praticamente inexistente nesta posição, haja vista que a maior parte das paroxítonas terminadas em *-on* em português brasileiro (PB) correspondem, em PE, a palavras oxítonas terminadas em *-ão* (p. ex. *ião*, *protão*) ou paroxítonas terminadas em uma sequência de vogal oral e consoante nasal [ɔŋ] (p. ex. *cólon*, *ípsilon*, *plâncton*), com a exceção de *náilon* ['najlõ] ~ ['najlɔŋ], cuja pronúncia em PE padrão varia, entretanto, entre a vogal nasal e vogal oral seguida de consoante nasal.

⁴ O ditongo nasal não final da palavra *muito* (< lat. MULTUS), que difere em origem do ditongo das palavras *cãibra* e *zãibo*, não será abordado neste capítulo.

Tabela 2 – Exemplos de palavras contendo ditongos nasais lexicais em sílaba tônica e postônica

	Sílaba tônica		Sílaba postônica
	Posição não final	Posição final	Posição final
/ãw̃/	–	<i>mamão</i>	<i>órgão</i>
/ãj̃/	<i>cãibra</i>	<i>mãe</i>	–
/õj̃/	–	<i>limões</i>	–
/ũj̃/	<i>muito</i>	–	–

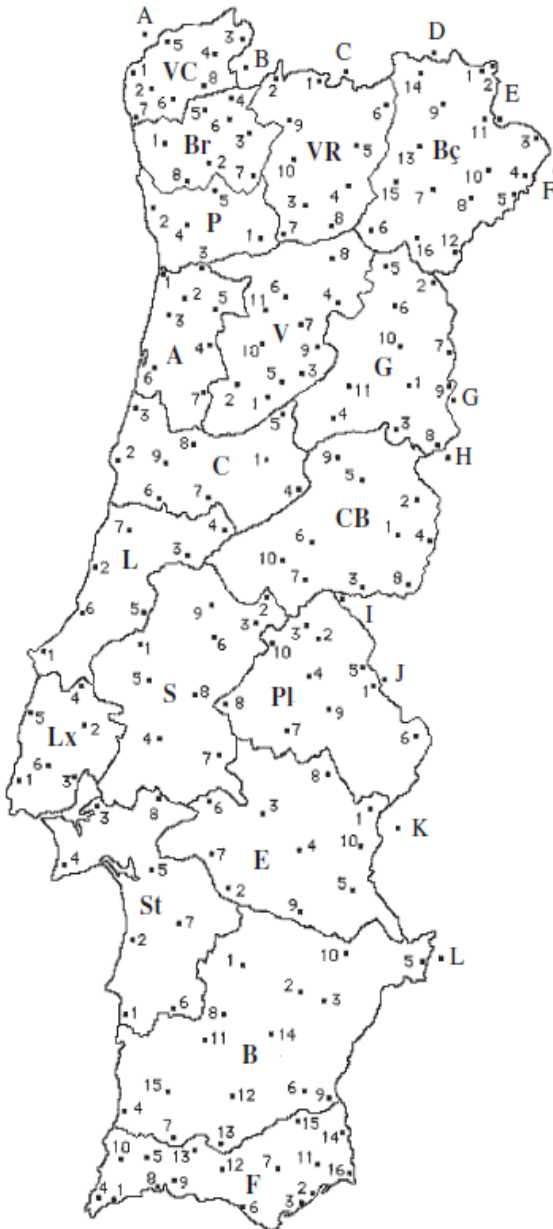
No presente capítulo, a questão principal será o processo de ditongação das vogais nasais lexicais /ã, ẽ, õ/ tanto em posição final de palavra como em posição não final, com o objetivo de tentar identificar os fatores que podem contribuir para a determinação do ponto de articulação do glide como sendo palatal [j] ou labiovelar [w] (Tabela 3). Para tal estudo, serão utilizadas transcrições fonéticas de variedades continentais do português europeu extraídas em julho de 2014 da base de dados do projeto ALEPG (cf. SARAMAGO, 2006) pela autora deste capítulo (cf. PIMENTA, 2019, anexo C).

Tabela 3 – Exemplos encontrados no ALEPG de realizações ditongadas de vogais nasais lexicais⁵

	Sílaba pretônica	Sílaba tônica		Sílaba postônica
	Posição não final	Posição não final	Posição final	Posição final
/ã/	<i>cambeta</i> [kɐ̃ ^{w̃} ˈbetɐ]	<i>ganso</i> [ˈgɐ̃ ^{w̃} sɔ]	<i>manhã</i> [maˈɲɐ̃]	<i>órfã</i> [ˈɔrfɐ̃ ^{w̃}]
/ẽ/	<i>lençol</i> [lɛ̃ ^{w̃} ˈsɔl]	<i>pente</i> [ˈpɛ̃ ^{w̃} tɨ]	<i>bem</i> [ˈbɛ̃ ^{w̃}]	<i>nuvem</i> [ˈnuvɛ̃ ^{w̃}]
/õ/	<i>constipação</i> [kɔ̃ ^{w̃} ˈtipɐsɐ̃ ^{w̃}]	<i>longe</i> [ˈlɔ̃ ^{w̃} ʒɨ]	<i>bom</i> [ˈbɔ̃ ^{w̃}]	–

Recolhidos entre 1973 e 2004, os dados do ALEPG cobrem 176 pontos em Portugal continental, assim como 24 pontos insulares (Madeira e Açores) e 12 pontos na zona fronteiriça com a Espanha (SARAMAGO, 2006). Vale ressaltar que os pontos de inquérito são zonas rurais ou em pequenas localidades, e que os informantes exibiam o seguinte perfil: “acima dos 50 anos; no máximo, com a escolaridade primária; com o mínimo de ausências da localidade e por curtos espaços de tempo; com pais e cônjuge oriundos da localidade ou, então, de localidades próximas” (SARAMAGO, 2006, p. 283).

⁵ No caso da vogal final /ẽ/ realizada [ɛ̃] (*bem*, *nuvem*), o que difere do PE padrão não é a ditongação da vogal, mas o seu timbre. Sobre o caso de /ã/ final em *órfã* [ɔrfɐ̃^{w̃}], cf. a seção Discussão.



Distritos portugueses:

- A - Aveiro
- B - Beja
- Bç - Bragança
- Br - Braga
- C - Coimbra
- CB - Castelo Branco
- E - Évora
- F - Faro
- G - Guarda
- L - Leiria
- Lx - Lisboa
- P - Porto
- PI - Portalegre
- S - Santarém
- St - Setúbal
- V - Viseu
- VC - Viana do Castelo
- VR - Vila Real

Pontos externos (Espanha) :

- A - Goián
- B - Tomeiros
- C - Oímbra
- D - Hermisende
- E - Latedo
- F - Torregamones
- G - La Alamedilla
- H - San Martín de Trevejo
- I - Cedillo
- J - La Rabaza
- K - Olivenza
- L - Encinasola

Fonte: SARAMAGO (2006, p. 291).

Em 1990, com o objetivo de “apressar o ritmo das recolhas de modo a possibilitar a cobertura da totalidade do território no menor espaço de tempo possível” as perguntas do questionário foram reduzidas pela metade, tendo sido conservados

“os capítulos cujo léxico mostrava tendência a desaparecer mais rapidamente, a saber, as tecnologias tradicionais, a agricultura e a agropecuária, num total de cerca de 1500 perguntas” (SARAMAGO, 2006, p. 284).⁶

METODOLOGIA

Para o estudo da ditongação de vogais nasais lexicais, as buscas efetuadas na base de dados do ALEPG se concentraram em conceitos cujas palavras continham as vogais nasais médias /ẽ, õ/ e na vogal aberta /ã/, visto que glides homorgânicos desenvolvidos após as vogais nasais fechadas /ĩ, ã/ não devem ser percebidos como diferentes destes monotongos nasais.⁷ O *corpus* assim constituído contém 1.197 atestações de vogais nasais ditongadas, para as quais foram encodadas variáveis sobre o timbre da vogal que ditonga, fonologicamente (/ã, ẽ, õ/), mas também foneticamente ([a, e, o]);⁸ a posição da sílaba na palavra (inicial/mediana/final); o esquema acentual da sílaba (pretônica/tônica/postônica); a possibilidade de metafoia (sim/não); a homorganicidade do glide (com a vogal que ditonga e/ou com a consoante que segue); o ponto de articulação do glide ([w, j]); em qual distrito, assim como em qual ponto de inquérito ocorre a atestação; e a transcrição fonética.

Sabendo que os ditongos nasais lexicais são abundantes em fim de palavra, mas extremamente raros em posição não final, optou-se por apresentar os dados levando em conta a posição final ou não final⁹ da sílaba na palavra. Como se pode ver na Tabela 4, 44,4% das atestações de ditongação se encontram em posição não final (532/1.197), enquanto 55,6% se encontram em posição final (665/1.197).

⁶ Para um mapa do ALEPG em que se mostra as localidades com o questionário original e aquelas com o questionário reduzido, cf. Lao et al. (2020, p. 298).

⁷ Uma busca por casos de ditongação da vogal fechada anterior /ĩ/ em palavras como *limpo* e *brinco* não revelou nenhuma atestação de ditongo. Quanto à vogal fechada posterior /ã/, foram encontradas algumas atestações de ditongação não homorgânica [ũj] antes de consoante palatal nas palavras *funcho* e *caruncho*. Tais atestações não foram incluídas no presente estudo, pois tais buscas não foram feitas de forma sistemática. Para mais informações sobre o processo de busca na base de dados do ALEPG e sobre a constituição do *corpus* utilizado, cf. Pimenta 2019, cap. 9.

⁸ A diferença entre a vogal fonológica (ou etimológica) e o timbre realizado se mostra relevante em casos como *bem* [bẽj], ou ainda *tambor* [tõwbor]. Entretanto, nas análises que seguem, nos concentraremos prioritariamente na forma fonológica, visto que, em análise precedente, ela se mostrou mais pertinente para a explicação dos dados do que a forma fonética (cf. PIMENTA, 2019, cap. 9).

⁹ Seja ela inicial, como em *andorinha*, ou mediana, como em *laranja*.

Tabela 4 – Repartição dos dados de acordo com a posição da sílaba na palavra e o timbre da vogal

Timbre	Posição não final		Posição final	
	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	224	42,1%	163	24,5%
/ê/	285	53,6%	476	71,6%
/õ/	23	4,3%	26	3,9%
Total	532	100%	665	100%
% / posição	44,4%		55,6%	

Além da posição da sílaba na palavra, pode ser interessante levar em conta o esquema acentual. Assim, como se pode observar na Tabela 5, no caso das sílabas em posição não final, 77,8% das atestações são acentuadas, enquanto 22,2% não são acentuadas (sílabas pretônicas). No caso das sílabas em posição final, 55% das atestações são acentuadas, enquanto 45% não são acentuadas (sílabas postônicas).

Tabela 5: Repartição dos dados do ALEPG de acordo com a posição da sílaba na palavra, o esquema acentual, e o timbre da vogal

Timbre	Posição não final				Posição final			
	Sílabas tônicas		Sílabas átonas		Sílabas tônicas		Sílabas átonas	
	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	181	43,7%	43	36,4%	158	43,2%	5	1,7%
/ê/	211	51,0%	74	62,7%	182	49,7%	294	98,3%
/õ/	22	5,3%	1	0,8%	26	7,1%	0	0,0%
Total	414	100%	118	100%	366	100%	299	100%
% / acento	77,8%		22,2%		55,0%		45,0%	

Na mesma tabela, observa-se também que a vogal que mais possui atestações de ditongação em todas as posições da palavra, quer em sílaba tônica ou átona, é a vogal média anterior /ê/. Nota-se que o maior desequilíbrio entre as diferentes vogais se encontra em posição postônica (i.e. em sílaba átona em posição final). Nessa posição, 98,3% das atestações de ditongação concernem à vogal /ê/ (p. ex. *nuvem*), apenas 1,7% à vogal /ã/ (p. ex. *órfã*), enquanto nenhuma atestação foi encontrada da vogal /õ/. Tais números, a princípio surpreendentes, encontram uma explicação no fato de os itens lexicais contendo /ê/ serem mais numerosos e mais frequentes do que aqueles contendo /ã/, enquanto itens terminados em /õ/ postônico praticamente não existem em português europeu (cf. *Supra*). Assim, enquanto doze itens lexicais contêm uma vogal /ê/ postônica,¹⁰ apenas um contém uma vogal /ã/ postônica (*órfã*), e nenhuma contém /õ/ postônico. Enfim, um último

¹⁰ Palavras contidas no *corpus* terminadas em vogal /ê/ postônica: *anteontem, fuligem, homem, impingem, lobisomem, margem, nuvem, ontem, trasantontem, vagem, viagem* e *virgem*.

fator de impacto no desequilíbrio entre as atestações de /ẽ/ e /ã/ nesta posição é o fato de que a palavra *órfã* tenha sido um dos muitos itens lexicais excluídos do questionário do ALEPG em 1990 (LAO *et al.*, 2020; SARAMAGO, 2006).¹¹

Haja vista o desequilíbrio entre os diferentes timbres em posição postônica, optou-se, para a análise dos dados em sílaba final, pela exclusão daqueles terminados em /ẽ/ em posição átona (294 atestações de [ẽj]), deixando-se assim de considerar a variável sílaba tônica-sílaba átona. Os dados terminados em /ã/ postônico (5 atestações), entretanto, foram mantidos, assim como os dados de ditongação de /ẽ/ finalônico. A manutenção do /ã/ postônico explica-se pelo interesse neste tipo de ditongação, que pode levar à perda de distinção de gênero entre palavras tais que *órfã/órfão*, enquanto a manutenção de /ẽ/ finalônico é interessante para a comparação da taxa de ditongação de tal vogal – que já apresenta uma realização ditongada na língua padrão – com as vogais /ã, õ/, cuja ditongação em posição final em português europeu só é encontrada em dados dialetais.

Como pode ser visto na Tabela 6, no *corpus* reduzido (903 atestações de ditongação ao invés de 1.197), a ditongação em sílaba não final (58,9%) é agora mais numerosa que a ditongação em sílaba final (41,1%). Nota-se também que, uma vez que os dados de /ẽ/ postônico foram excluídos, os dados das vogais /ã, õ/ se encontram mais equilibrados em posição final (43,9% de /ã/ e 49,1% de /õ/), contexto para o qual, entretanto, não faz mais sentido a divisão entre sílabas acentuadas e não acentuadas.

Tabela 6 – Repartição dos dados do ALEPG no *corpus* reduzido (sem /ẽ/ postônico) de acordo com a posição da sílaba (não final/final) e a vogal que ditonga (/ã, õ, ã/)

Timbre	Posição não final		Posição final	
	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	224	42,1%	163	43,9%
/õ/	285	53,6%	182	49,1%
/õ/	23	4,3%	26	7,0%
Total	532	100%	371	100%
% / posição	58,9%		41,1%	

Após verificar a repartição do timbre da vogal que ditonga (/ã, õ, ã/) de acordo com a posição na palavra (não final/final), seria interessante ver a distribuição do glide palatal [j] e labiovelar [w] segundo a posição da sílaba e após cada vogal.

¹¹ Além de *órfã(s)/órfão(s)*, *irmã/irmão* também foram excluídas do questionário. Tais palavras, importantes para este estudo, faziam parte dos conceitos “A família; as relações sociais e de parentesco”.

Assim, na Tabela 7, nota-se que o glide palatal [j] é majoritário em relação a [w] tanto em posição não final (75,6%) quanto em posição final (64,2%).

Tabela 7 – Distribuição dos glides [j] e [w] no *corpus* do ALEPG de acordo com a posição da sílaba

Glide	Posição não final		Posição final	
	Atestações	%	Atestações	%
[j]	402	75,6%	238	64,2%
[w]	130	24,4%	133	35,8%
Total	532	100%	371	100%

Em seguida, como se pode ver na Tabela 8, a alta taxa do glide palatal [j] pode ser explicada, em boa parte ainda que não exclusivamente, pelo fato de que a vogal que mais ditonga é /ẽ/, seja em posição não final (53,6%) ou final (49,1%). O glide [w], por sua vez, raríssimo quando a vogal é /ẽ/ (apenas 6 atestações em posição não final, e 0 em posição final), é mais frequente quando a vogal que ditonga é /ã/ (51,4% dos casos em posição não final e 66,9% dos casos em posição final). Quanto a /õ/, é interessante notar que a vogal média posterior é seguida pelo glide labiovelar [w] em 92,3% dos casos em posição final, mas apenas em 34,8% dos casos em posição não final, diferindo assim da vogal média anterior /ẽ/, já que em posição não final 97,9% dos glides que a seguem são palatais. Como explicar essa diferença entre a taxa de glides palatais e labiovelares segundo a posição na palavra e segundo o timbre da vogal?

Tabela 8 – Porcentagem das vogais /ã, ẽ, õ/ no *corpus* do ALEPG de acordo com a posição da sílaba na palavra e o timbre da vogal que ditonga

Glide	Posição não final						Posição final					
	/ã/		/ẽ/		/õ/		/ã/		/ẽ/		/õ/	
	Atest.	%	Atest.	%	Atest.	%	Atest.	%	Atest.	%	Atest.	%
[j]	108	48,2%	279	97,9%	15	65,2%	54	33,1%	182	100%	2	7,7%
[w]	116	51,8%	6	2,1%	8	34,8%	109	66,9%	0	0,0%	24	92,3%
Total	224	100%	285	100%	23	100%	163	100%	182	100%	26	100%
% / vogal	42,1%		53,6%		4,3%		43,9%		49,1%		7,0%	

RESULTADOS

Como veremos nesta seção, ao analisar os dados por posição da sílaba na palavra, nota-se que os fatores que influenciam na escolha do glide como palatal ou labiovelar não são necessariamente os mesmos em posição final e não final. Assim, em posição não final, além do timbre da vogal que ditonga, não se pode

ignorar a possível influência da consoante em ataque silábico que segue a vogal que ditonga (contexto $\check{V} _ .C$), assim como a possibilidade de metafonia desencadeada pelo timbre da vogal final, seja ela anterior ou posterior. Em posição final, por sua vez, esses dois últimos fatores estão ausentes, mas há de se perguntar a que ponto a frequência dos ditongos nasais lexicais (*ão(s)*, *ãe(s)*, *ões*) pode influenciar na determinação do ponto de articulação glide como sendo palatal ([j]) ou labiovelar ([w]).

O PONTO DE ARTICULAÇÃO DO GLIDE EM POSIÇÃO FINAL

Quando dois segmentos adjacentes dividem um mesmo ponto de articulação, fala-se em homorganicidade. Consequentemente, os glides palatais que seguem vogais anteriores assim como os glides labiovelares que seguem vogais posteriores arredondadas são ditos homorgânicos a estas vogais. Como visto na Tabela 8, em posição final a vogal anterior /*ẽ*/ é seguida pelo glide palatal [j] em 100% dos casos e a vogal posterior /*õ*/ é seguida pelo glide labiovelar [w] em 92,3% dos casos, com apenas duas atestações da vogal /*õ*/ seguida de [i]: *bom* [bõⁱ], e *bom* [boⁱ], no qual o ditongo resultante é desnasalizado. Isso significa que em posição final, tanto para a vogal anterior quanto para a posterior os glides são, em sua maioria, homorgânicos com a vogal.

A vogal /*ã*/, por sua vez, é seguida pelo glide labiovelar [w] em 66,9% dos casos. Na tentativa de encontrar o que pode determinar o ponto de articulação do glide que segue /*ã*/, podemos observar na Tabela 9 em quais palavras se obtém maior porcentagem de [j] e em quais se obtém maior porcentagem de [w].

Tabela 9 – Porcentagem de palavras no *corpus* do ALEPG terminadas em /*ã*/ e seguidas por glide palatal ou labiovelar

Palavra	[j]		[w]	
	Atestações	%	Atestações	%
<i>amanhã</i>	15	83,3%	3	16,7%
<i>manhã</i>	23	82,1%	5	17,9%
<i>ferrã</i>	4	50,0%	4	50,0%
<i>maçã</i>	7	41,2%	10	58,8%
<i>sertã</i>	1	20,0%	4	80,0%
<i>romã</i>	1	14,3%	6	85,7%
<i>rã</i>	2	8,7%	21	91,3%
<i>lã</i>	1	4,3%	22	95,7%
<i>hortelã</i>	0	0%	10	100%
<i>irmã</i>	0	0%	12	100%

<i>marrã</i>	0	0%	2	100%
<i>órfã</i>	0	0%	5	100%
<i>sã</i>	0	0%	5	100%
Total	54	33,1%	109	66,9%

Em relação ao glide palatal, a primeira coisa a se notar é que as poucas palavras em que [j] é majoritário, *manhã(s)* e *amanhã*, contêm uma consoante nasal palatal [ɲ] precedendo a vogal /ã/. Em 38 das 46 atestações de tais palavras, a influência do ponto de articulação da consoante em ataque pode levar não só ao desenvolvimento de um glide palatal ([j̃]), mas também à palatalização da vogal, realizada [ẽ] em 8 atestações de *amanhã* e em 11 atestações de *manhã*. Tal influência já fôra notada por MAIA (1981) para as atestações da palavra *manhã* nos dados do Inquérito Linguístico Boléo (ILB):

As palavras recolhidas do I. L. B., para servirem de base a este estudo, foram as seguintes: n.º 24 *manhã* (< *MANEANA) e n.º 336 *tua irmã* (<GERMANA). No que se refere à primeira forma, convém observar que a presença da palatal no início da sílaba tónica condiciona uma série de alterações tanto da vogal pretónica (cf. *menhã*, *minha*, *minhão*, *menhão*, etc.) como da vogal daquela sílaba (cf. por ex. *manhem*, *manhêi*, *manhê*, *manhé*, etc.) (MAIA, 1981, p. 74).

Em seguida, dos 16 dados restantes de [j] seguido a /ã/, 7 estão no plural e têm uma consoante final realizada [ʃ] (p. ex. *maçãs* [mɛsẽʃ]). Partindo do ponto de que a consoante pré-palatal final [ʃ] também pode influenciar o ponto de articulação do glide, apenas 9 atestações das 54 de [j] não têm motivação fonético-fonológica clara: uma atestação de *maçã* [mɛsẽ] no singular e outra no plural em que a consoante final é [s], *maçãs* [mɛsẽs]; uma atestação de *rã* [rẽ]; uma de *sertã* [sirtẽ]; uma de *lã* [lẽ]; e quatro atestações da palavra *ferrã*, duas das quais apenas o glide é palatal, *ferrã* [firẽ], e duas outras em que a vogal realizada é anteriorizada, *ferrã* [firẽ].¹²

Passando ao glide labiovelar, a princípio a maioria das atestações não podem ser explicadas simplesmente do ponto de vista fonético-fonológico, já que partimos do ponto de que /ã/ não é fonologicamente homorgânica nem com [j] nem com [w], enquanto do ponto de vista fonético apenas 12 das 109 atestações apresentam uma vogal foneticamente velar seguida de [w]. Surpreendentemente, dentre os cinco itens lexicais da Tabela 9 que apresentam 100% de /ã/ seguido de [w] se encontram as palavras cuja vogal nasal lexical -ã se opõe em gênero ao ditongo

¹² No caso de *ferrã* [firẽ], é difícil dizer se é a vogal pronunciada [ẽ] que leva ao glide palatal [j] ou se, ao contrário, é o glide palatal [j] que anterioriza a vogal /ã/, levando-a a ser pronunciada [ẽ].

nasal lexical *-ão*: *irmã/irmão, marrã/marrão, órfã/órfão e sã/são*, oposição que imagináramos bloquear a ditongação de /ã/ com o glide [w].

Uma das questões a se levar em consideração, ao analisar a ditongação de vogais nasais lexicais em posição final, é o fato de que é nesta posição que se encontram, com algumas raras exceções, os ditongos nasais lexicais do português. Sabendo que o ditongo *-ão* é o mais frequente no singular, pois nele convergiram as diferentes terminações latinas *-anus*, *-anes* e *-ones* (cf. PIMENTA, 2019, cap. 4), enquanto o ditongo *-ões* é o mais frequente no plural – o que parece ser a causa da migração dos ditongos *-ães* e *ãos* para o ditongo *ões* (cf. HUBACK, 2007), o que se pode constatar na Tabela 10 –, podemos nos perguntar se tal diferença, já existente no português padrão, pode influenciar a taxa de glides anteriores e posteriores em posição final nos dados dialetais do PE.

Tabela 10 – Efeito do plural etimológico nos plurais em *-ão*

Plurais etimológicos	Respostas em <i>-ões</i>		Respostas em <i>-ãos</i>		Respostas em <i>-ães</i>	
	N	%	N	%	N	%
Etim. <i>-ões</i>	627/670	93,5	41/670	6,1	02/670	0,2
Etim. <i>-ãos</i>	141/362	38,9	206/362	56,9	15/362	4,1
Etim. <i>-ães</i>	37/247	14,9	13/247	5,2	197/247	79,7

Fonte: HUBACK, 2007, p. 205. Dados em negrito no original.

Como se pode observar na Tabela 11 – da qual foram excluídas as palavras *amanhã* e *manhã(s)*, para as quais já determinamos que a alta porcentagem do glide palatal [j] (38 das 46 atestações das palavras *manhã* e *amanhã*) está ligada à presença da consoante nasal palatal [ɲ] precedente à vogal –, tanto no singular como no plural o glide mais representado quando da ditongação de /ã/ é [w]. Para o singular, isso conforta a hipótese de uma possível influência da alta frequência do ditongo lexical *-ão*.

Tabela 11 – Palavras terminadas em /ã/ e seguidas por glide palatal ou labiovelar no singular e no plural no *corpus* do ALEPG

	Singular		Plural	
	[j]	[w]	[j]	[w]
<i>ferrã</i>	4	4	–	–
<i>hortelã</i>	0	10	–	–
<i>irmã</i>	0	6	0	6
<i>lã</i>	1	22	–	–
<i>maçã</i>	1	10	6	0
<i>marrã</i>	0	2	–	–
<i>órfã</i>	0	5	–	–

<i>rã</i>	1	13	1	8
<i>romã</i>	0	6	1	0
<i>sã</i>	0	1	0	4
<i>sertã</i>	1	4	–	–
Total	8	83	8	18
%	8,8%	91,2%	30,8%	69,2%

Para o plural, entretanto, o fato de o ditongo *ões* ser o mais frequente – ao menos em PE padrão – não parece ter tanta influência: das 26 atestações de ditongação de *ã* no plural, a maioria apresenta a realização [ẽw̃f] (18/26), enquanto 5 apresentam uma realização [ẽj̃]/[ẽs̃],¹³ com um dos ditongos menos frequentes no léxico, e apenas três apresentam uma realização [õj̃]: uma atestação da palavra *maçãs* [mɛsõj̃], uma da palavra *rãs* [rõj̃] e uma da palavra *romãs* [rõj̃].

O PONTO DE ARTICULAÇÃO DO GLIDE EM POSIÇÃO NÃO FINAL

Retomando os dados da Tabela 8, pode-se observar que em posição não final 97,9% das atestações ditongadas da vogal anterior /ẽ/ (279/285) possuem um glide homorgânico [j], enquanto a taxa de homorganicidade na ditongação da vogal posterior /õ/ é de apenas 34,8% (8/23). Quanto à vogal aberta /ã/, pode-se notar que a porcentagem de glides palatais (48,2%) e labiovelares (51,8%) é equilibrada, com o número de atestações de [w] (116/224) levemente superior àquele de [j] (108/224). Em posição não final, além da homorganicidade com a vogal que ditonga, outros fatores de caráter fonológico podem influenciar a determinação do glide: o ponto de articulação da consoante em ataque a vogal nasal e o timbre da vogal final, por metafonia.

A começar pelo ponto de articulação da consoante seguinte, podemos observar na Tabela 12 que quando a vogal é seguida por uma consoante alveolar (p. ex. *grande*) – cujo ponto de articulação não é homorgânico nem com o glide palatal nem com o glide labiovelar –, a determinação do glide após vogais médias parece estar relacionada com o timbre da vogal. Assim, o glide que segue /õ/ é homorgânico em todos os (poucos) casos atestados com essa vogal (4 atestações de [w], p. ex. *lontra* [lõ^{w̃}trɐ]), enquanto o glide que segue /ẽ/ é homorgânico em 98,6% dos casos (215 atestações de [j], p. ex. *cento* [sẽjt^u]). Enfim, o que a princípio não pode ser explicado pela homorganicidade nem com a vogal que ditonga nem com a consoante seguinte é o fato de que o glide seja [w] na maioria dos casos em que a vogal é /ã/ (85,7%, p. ex. *a lanço* [ɐ'lã^{w̃}su]). Antes de consoantes alveolares,

¹³ A essas 5 atestações se somam aquelas de *manhãs*, palavra excluída da Tabela 11, cujas 5 atestações no plural apresentam a forma [ẽj̃].

como se era de esperar, não parece haver interação entre o ponto de articulação da consoante e a determinação do ponto de articulação do glide.

Tabela 12 – Porcentagem do glide palatal [j] e labiovelar [w] no *corpus* do ALEPG em contexto pré-consonântico (V_C) de acordo o ponto de articulação da consoante seguinte, assim como com a vogal que ditonga

Glide	Alveolar				Palatal			
	[j]		[w]		[j]		[w]	
Vogal	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	7	14,3%	42	85,7%	33	97,1%	1	2,9%
/ẽ/	215	98,6%	3	1,4%	24	100%	0	0%
/õ/	0	0%	4	100%	14	93,3%	1	6,7%
% glide	81,9%		18,1%		97,3%		2,7%	
Glide	Labial				Velar			
	[j]		[w]		[j]		[w]	
Vogal	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%	Atestações	%
/ã/	24	42,1%	33	57,9%	44	52,4%	40	47,6%
/ẽ/	31	96,9%	1	3,1%	9	81,8%	2	18,2%
/õ/	1	100%	0	0%	0	0%	2	100%
% glide	62,2%		37,8%		54,6%		45,4%	

Quando a consoante é palatal (p. ex. *longe*), por outro lado, nota-se que o ponto de articulação do glide é majoritariamente palatal, independentemente do timbre da vogal. Assim, /ã/ é seguido por [j] em 97,1% dos casos (p. ex. *gancho* ['gẽ̃j^h]); /ẽ/ é seguido por [j] em 100% dos casos (p. ex. *enxó* [ẽ̃'j^h]); e mesmo a vogal labial posterior /õ/ é seguida por [j] – glide não homorgânico com a vogal – em 93,3% dos casos (p. ex. *concha* ['kõ̃j^h]). Quando a consoante que segue a vogal nasal é palatal, tudo indica que seu ponto de articulação determina o ponto de articulação do glide, numa assimilação regressiva.

É interessante notar que o mesmo não ocorre com vogais seguidas de consoantes labiais (p. ex. *camba*) ou velares (p. ex. *canga*). Como se pode ver, antes de uma consoante labial, apenas 37,8% dos glides são labiovelares, percentagem que atinge 45,5% dos glides seguidos por consoante velar. Curiosamente, a única atestação de ditongação da vogal /õ/ antes de uma consoante labial tem um glide palatal e não um glide labiovelar (*lombo* ['lõ̃j^hbu]), ainda que diversos fatores deveriam favorecer [w] a [j].

Além da homorganicidade com os segmentos adjacentes, outro possível fator na determinação do glide é a influência do timbre da vogal final, por metafonia.

Para entender o possível impacto desse fator, que pode ou não interagir com os fatores de homorganicidade, podemos observar a distribuição dos dados na Tabela 13. Como se pode ver, na maioria das atestações, os glides são homorgânicos com pelo menos um dos segmentos adjacentes (323 atestações de [j] e 84 atestações de [w]), sendo que na maioria das atestações de [j] não há metafonia possível (78,9%), enquanto que para [w] há uma possível metafonia em 67,9% dos casos. De maneira similar, para os dados em que não há homorganicidade do glide nem com a vogal que ditonga nem com a consoante que segue, também não há metafonia possível na maioria dos dados de [j] (52/79), enquanto estes são a minoria para os dados de [w] (16/46).

Tabela 13 – Repartição dos dados do ALEPG em contexto não final de acordo com o ponto de articulação do glide, uma possível metafonia (sim/não), e a homorganicidade do glide com a vogal e/ou com a consoante

Possível metafonia	[j]				[w]			
	Homorgânico	%	Não homorgânico	%	Homorgânico	%	Não homorgânico	%
Sim	68	21,1%	27	34,2%	57	67,9%	30	65%
Não	255	78,9%	52	65,8%	27	32,1%	16	35%
Total	323		79		84		46	
%	80,3%		19,7%		64,6%		35,4%	

DIFERENÇAS REGIONAIS

Primeiramente, como se pode observar na Tabela 14, ordenada do distrito com maior número de atestações de ditongação (Viseu) para o menor (Beja), dos cinco distritos em que se encontra mais de 70 atestações de ditongação, três se encontram no noroeste de Portugal: Braga (110 atestações), Porto (79 atestações) e Viana do Castelo (78 atestações); um distrito se encontra ao sudeste do distrito do Porto (Viseu, 162 atestações); e um se encontra no extremo sul do país (Faro, 76 atestações). Isto significa que, com exceção do Faro, segundo a classificação de CINTRA (1971) todos os distritos com maior número de atestações de ditongação pertencem aos dialetos portugueses setentrionais, como se pode ver na Figura 2.

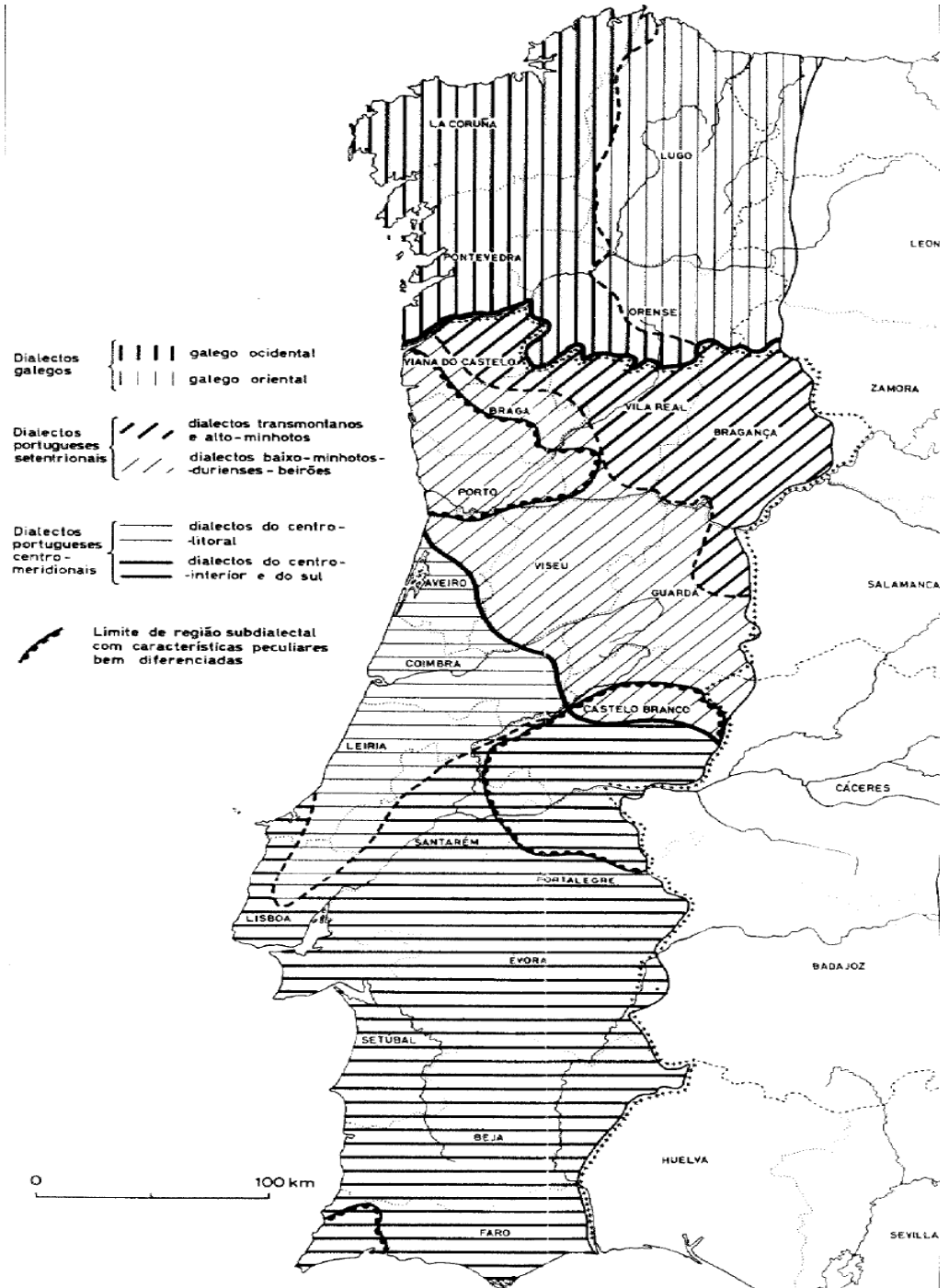
Tabela 14 – Ditongação por distrito do ALEPG de acordo com a posição da sílaba na palavra

Distritos do ALEPG	Posição não final		Posição final		Total Atest.
	Atest.	%	Atest.	%	
Viseu (V)	142	87,7%	20	12,3%	162
Braga (Br)	71	64,5%	39	35,5%	110
Porto (P)	63	79,7%	16	20,3%	79
Viana do Castelo (VC)	45	57,7%	33	42,3%	78

Faro (F)	7	9,2%	69	90,8%	76
Portalegre (Pl)	24	52,2%	22	47,8%	46
Leiria (L)	28	65,1%	15	34,9%	43
Vila Real (VR)	20	55,6%	16	44,4%	36
Bragança (Bç)	23	69,7%	10	30,3%	33
Setúbal (St)	18	56,3%	14	43,8%	32
Aveiro (A)	18	60,0%	12	40,0%	30
Guarda (G)	5	17,2%	24	82,8%	29
Santarém (S)	23	79,3%	6	20,7%	29
Castelo Branco (CB)	18	64,3%	10	35,7%	28
Évora (E)	2	7,1%	26	92,9%	28
Coimbra (C)	16	59,3%	11	40,7%	27
Lisboa (Lx)	6	30,0%	14	70,0%	20
Beja (B)	3	17,6%	14	82,4%	17

Em seguida, em relação à posição em que ocorre a ditongação (final/não final), pode-se observar que apenas cinco distritos possuem mais atestações de ditongação em posição final do que não final: Évora (92,9%), Faro (90,8%), Guarda (82,8%), Beja (82,4%) e Lisboa (70%), dos quais o Faro é o único a possuir um número de ditongações consequente: 76 no total, das quais 69 ocorrem em posição final, enquanto os outros distritos possuem entre 17 e 29 atestações no total, das quais entre 14 e 26 atestações se encontram em posição final.

Figura 2 – Classificação dos dialetos portugueses.



Fonte: CINTRA (1971).

Passando à distribuição dos glides palatais e labiovelares, pode-se notar na Tabela 15 que o glide palatal é majoritário tanto em posição final como não final na maioria dos distritos. As exceções, em posição não final, são os distritos de Aveiro, Porto e Viana do Castelo, e em posição final, os distritos de Braga, Faro, Porto e Viana do Castelo. É interessante salientar que, apesar do maior número de glides palatais em posição não final em Braga, o distrito é um dos que mais têm ocorrência do glide [w] nesta posição, com 25 atestações. Podemos notar, enfim, que o glide labiovelar ocorre com maior frequência, tanto em posição final quanto em posição não final, sobretudo no noroeste do país (Braga, Porto, Viana do Castelo e norte de Aveiro) e no extremo sul (Faro).

Enfim, em relação aos glides não homorgânicos e sem metafonia, minoritários no *corpus* (184 atestações), podemos notar na Tabela 16 que em posição não final oito distritos possuem atestações de [j], as mais numerosas se encontrando nos distritos de Leiria (19/52) e de Santarém (11/52); as atestações de [w], por sua vez, ocorrem apenas em cinco distritos: Aveiro, Braga, Faro, Porto e Viana do Castelo. Em posição final, enfim, [j] ocorre apenas em quatro distritos: Braga, Coimbra, Guarda e Viseu; enquanto isso, [w], mais numeroso, ocorre em doze distritos, com o maior número de ocorrências em Braga, Faro e Viana do Castelo.

Tabela 15 – Ditongação por distrito do ALEPG de acordo com a posição da sílaba na palavra (não final/final) e com o ponto de articulação do glide

Distrito\Glide	Posição não final			Posição final			Glide/Distrito
	[j]	[w]	Total	[j]	[w]	Total	
Aveiro	4	14	18	8	4	12	Aveiro
Beja	1	2	3	13	1	14	Beja
Braga	46	25	71	13	26	39	Braga
Bragança	22	1	23	9	1	10	Bragança
Castelo Branco	16	2	18	7	3	10	Castelo Branco
Coimbra	15	1	16	11	0	11	Coimbra
Évora	2	0	2	25	1	26	Évora
Faro	6	1	7	26	43	69	Faro
Guarda	5	0	5	23	1	24	Guarda
Leiria	28	0	28	14	1	15	Leiria
Lisboa	6	0	6	12	2	14	Lisboa
Portalegre	24	0	24	18	4	22	Portalegre
Porto	22	41	63	3	13	16	Porto
Santarém	23	0	23	6	0	6	Santarém
Setúbal	18	0	18	13	1	14	Setúbal

Viana do Castelo	4	41	45		10	23	33	Viana do Castelo
Vila Real	19	1	20		9	7	16	Vila Real
Viseu	141	1	142		18	2	20	Viseu
Total	402	130	532		238	133	371	Total

Tabela 16 – Distribuição dos ditongos não homorgânicos e sem metafonia por distrito do ALEPG, em posição não final e final, de acordo com o glide

Distritos do ALEPG	Posição não final		Posição final		Total
	[j]	[w]	[j]	[w]	Atest.
Aveiro	–	3	–	2	5
Beja	–	–	–	1	1
Braga	–	2	2	19	23
Bragança	–	–	–	–	–
Castelo Branco	2	–	–	3	5
Coimbra	4	–	1	–	5
Évora	–	–	–	1	1
Faro	–	1	–	41	42
Guarda	–	–	2	–	2
Leiria	19	–	–	–	19
Lisboa	2	–	–	1	2
Portalegre	6	–	–	4	10
Porto	–	4	–	9	13
Santarém	11	–	–	–	11
Setúbal	6	–	–	1	7
Viana do Castelo	–	6	–	20	26
Vila Real	2	–	–	7	8
Viseu	–	–	4	–	4
Total	52	16	9	109	184

DISCUSSÃO

Conforme foi visto na seção precedente, de acordo com as atestações do nosso *corpus*, quando uma vogal nasal ditonga em português europeu em posição não final, ambos os glides apresentam majoritariamente algum tipo de homorganicidade, seja com a vogal que ditonga, seja com a consoante na posição de ataque que segue, seja com ambas: [j] é homorgânico em 80,3% dos casos, enquanto [w] é homorgânico em 64,6% dos casos (cf. Tabela 13). É interessante notar, entretanto, uma assimetria na propagação da palatalidade de um segmento adjacente quando comparada à propagação da labialidade/velaridade. Assim, quando a vogal é /ẽ/ (cf. Tabela 8), o glide é palatal em 97,9% dos casos (279/285); do mesmo modo, quando a consoante que segue no ataque é palatal (cf. Tabela 12), o glide é [j]

em 97,3% dos casos (71/73). Esse alto índice de homorganicidade não ocorre, entretanto, nem em relação à vogal nem em relação à consoante (levadas em conta separadamente) quando o traço em questão é labial/velar: quando a vogal é /õ/ (cf. Tabela 8), o glide só é homorgânico em 34,8% dos casos (8/23); da mesma forma, o glide é [w] em 37,8% dos casos em que a consoante é labial (34/90), e em 45,4% dos casos em que a consoante é velar (44/97) (cf. Tabela 12).

Excluído o fator de homorganicidade, entretanto, há mais chances que um glide seja posterior se houver metafofia, já que somente 35% dos glides labiovelares não homorgânicos não estão sob a influência do timbre da vogal final (16/46). A situação é inversa para o glide palatal, já que dentre os [j] não homorgânicos apenas 34,2% estão sob a influência de uma vogal final anterior (27/79). Com isso, chegamos aos dados em que não há nem metafofia nem homorganicidade do ponto de vista fonológico, isto é, 52 atestações de [j] e 16 atestações de [w] (cf. Tabela 13). Em relação ao glide labiovelar, dos 16 dados de [w], 5 atestações apresentam uma vogal foneticamente velar: *andorinha* [ã^wdurɨɲə], *landisca* [lã^wdɨʃkə], *gansa* [gã^wsə], *anteontem* [ã^wtiõti] e a palavra z-avaliativa *maçãzinha* [mæsãwziɲə]. É interessante notar, enfim, que todas as 11 atestações restantes de [w] não homorgânicos e sem metafofia ocorrem seguidos à vogal /ã/ no noroeste de Portugal, nos distritos de Braga, Porto, Viana do Castelo e no norte de Aveiro, o que corresponde grosso modo à zona dialetal Minhota (BOLÉO; SILVA, 1961), onde a vogal nasal aberta fôra, historicamente, fortemente velarizada: “[c] reio que -ão é o resultado da evolução de *áy*: a vogal *a*, que na região é aberta e velarizada, seguida de nasalidade velar transformou-se num ditongo formado por *a* e semivogal velar” (MAIA, 1981, p. 77 nota 3), e isto ao ponto de, em certos casos, se confundir com /õ/:

Inserida na área minhota de -ão encontra-se uma área menor e um pouco difusa de -õ e õu que abrange algumas povoações da zona compreendida entre o Lima e o Douro: aí, à forma feminina da língua padrão *irmã* corresponde *irmõ* e *irmõu*. Ocorrem estas formas mais intensamente no distrito de Braga, mas estão também representadas em duas povoações do distrito de Viana do Castelo e duas do distrito do Porto (MAIA, 1981, p. 77 nota 3).

Em seguida, em relação ao glide palatal, dos 52 dados de [j], 2 atestações apresentam uma realização anteriorizada da vogal /ã/: *lande* [lẽɲdɛ] e *tampo* [tẽp^u]. Para as outras 50 atestações, realizações de *camba(s)* [kẽbɛ(j)], *cambeiras* [kẽbeɨrɛɲ], *cambo(s)* [kẽbu(j)], *canga* [kẽgɛ], *lampo* [lẽpu], *matança* [metẽɲsɛ] e *lombo* [lõb^u], não encontramos nenhuma explicação para a presença do glide [j], que ocorre sobretudo em Leiria e Santarém (Tabela 16). Podemos salientar,

entretanto, a semelhança desses dados e dos ditongos nasais lexicais encontrados nas palavras *cãibra* e *zãibo* em PE padrão.

Passemos ao contexto final. Por um lado, nesse contexto, a única fonte de assimilação é geralmente a vogal que ditonga, visto que à direita da vogal nasal não há consoante seguinte (salvo no plural) nem fonte de metafonia; excepcionalmente, como foi visto, uma consoante que preceda a vogal nasal pode influenciar o ponto de articulação do glide, mas somente se seu ponto de articulação for palatal (p. ex. *manhã*). Quando uma vogal média ditonga nessa posição, os glides – salvo raras exceções –, são homorgânicos. Assim, encontramos 100% de [j] após /ẽ/ e 92,3% de [w] após /õ/ (cf. Tabela 8).

Por outro lado, lembramos que a posição final é aquela em que se encontram os ditongos nasais lexicais do português, o que levanta a questão de uma possível influência da alta frequência de /ãw̃/ no singular, por um lado, e da alta frequência de /õj̃/ no plural quando a vogal nasal que ditonga é /ã/, especialmente porque não se espera que tal vogal seja a princípio homorgânica nem com [j] nem com [w]. Essa influência parece ocorrer no singular de palavras terminadas em /ã/, visto que uma vez excluídas as atestações da palavra *manhã*, 91,2% dos glides são labiovelares (Tabela 11). No plural, entretanto, a influência de /õj̃/ se nota em apenas três atestações raras, porém significativas, pois correspondentes à forma ditongada [ẽw̃] no singular na mesma região: *maçã* [masẽw̃] (F15) – *maças* [mæsõj̃] (F15), *rã* [rẽw̃] (VR1) – *rãs* [rõj̃] (VR1) e *romã* [rⁱmẽw̃] (F8) / [r^umẽw̃] (F14, F15) – *romãs* [rⁱmõj̃] (F12). Embora raras, essas atestações revelam algo inusitado: visto que no singular as realizações ditongadas das palavras *maças*, *rãs* e *romãs* apresentam quase exclusivamente um glide labiovelar [ẽw̃] (29/31), pode-se dizer que, para alguns locutores, a analogia responsável pela forma não etimológica *ões* de certos plurais de *ão* (cf. HUBACK, 2007; VELOSO, 2005) parece alcançar até mesmo formas ditongadas da vogal nasal final *ã*.

Enfim, levando em consideração que em posição final existe, para algumas palavras, uma oposição entre a vogal nasal *-ã* e o ditongo nasal *-ão*, era de se esperar que a ditongação de /ã/ com o glide labiovelar [w] seria inibida nas palavras *irmã*, *marrã*, *órfã* e *sã*. Tal não é o caso, visto que os poucos casos de ditongação dessas palavras, tanto no singular quanto no plural, apresentam o ditongo [ẽw̃]. De toda evidência, nas localidades em que encontramos a ditongação de /ã/ final, a perda de tal contraste no item lexical não parece inibir que a ditongação se faça com o glide posterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente capítulo, foram apresentados dados dialetais de ditongação das vogais nasais lexicais /ã, ã, õ/ em português europeu assim como os fatores que podem determinar o ponto de articulação do glide quando uma destas vogais ditongam, o que trouxe à tona, entre outras coisas, a questão da ditongação /ã/, menos frequente do que a ditongação de /ẽ/. O estudo das formas aqui apresentadas é interessante não apenas do ponto de vista dialetológico – que mereceria, inclusive, ser aprofundado –, mas também do ponto de vista da linguística teórica, cujas formalizações podem se beneficiar da riqueza contida nos dados de variação (LLORET, 1997). Assim, numa abordagem fonológica formal em que se considera que vogais e ditongos nasais possuem uma mesma estrutura silábica de núcleo complexo (cf. PIMENTA, 2019, cap. 7), a passagem de uma vogal nasal a um ditongo nasal não implica mudança estrutural, mas tão somente a mudança do timbre da segunda posição vocálica do núcleo complexo. Por outro lado, no caso das reduções vocálicas que implicam a perda de uma posição no núcleo – como pode acontecer com os núcleos nasais postônicos –, a redução da sílaba complexa a simples leva necessariamente à perda da nasalidade (p. ex. *órfão* ['ɔrfu], *órfã* ['ɔrfɛ]).

Enfim, ainda que as atestações apresentadas sejam relativamente pouco numerosas por região e não permitam uma análise estatística – a começar pelo fato de que sem o número de atestações não ditongadas por região é impossível dizer em qual proporção as vogais nasais lexicais podem ditongar –, achamos importante trazer tal fenômeno à luz, a fim de enriquecer o estudo sobre os núcleos nasais do português, em particular, e das línguas românicas em geral.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, Elisa. A representação da nasal em coda silábica e os ditongos nasais do português. In: *XVII Congresso Internacional Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*, João Pessoa (Paraíba, Brasil), 2014. P. 1433-1453.
- BISOL, Leda. Estudo sobre a nasalidade. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. V. 8-Novos estudos descritivos. P. 501-535.

- BISOL, Leda. Fonologia da nasalização. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. *Gramática do português culto falado no Brasil vol. VII*. São Paulo: Contexto, 2013. P. 113-140.
- BISOL, Leda; VELOSO, João. Phonological Processes Affecting Vowels: Neutralization, Harmony and Nasalization. In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZI, Sergio (org.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: John Wiley & Sons, 2016. P. 69-85.
- BOLÉO, Manuel de Paiva; SILVA, Maria Helena Santos. O “Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental” [com 4 mapas]. *Boletim de filologia*, v. XX, n. III, p. 85-112, 1961.
- CARVALHO, Joaquim Brandão de. Nasalité et structure syllabique en portugais et en galicien : approche non linéaire et panchronique d’un problème phonologique. *Verba. Anuario galego de filoloxia*, v. 15, p. 237-263, 1988.
- CARVALHO, Joaquim Brandão de. L’origine de la terminaison -ão du portugais : une approche phonétique nouvelle du problème. *Zeitschrift für romanische Philologie*, v. 105, p. 148-160, 1989.
- CINTRA, Luís F. Lindley. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de filologia*, v. 22, p. 81-116, 1971.
- CUNHA, Conceição *et al.* On the Role of Oral Configurations in European Portuguese Nasal Vowels. In: Proc. Interspeech 2019, p. 3332-3336.
- FERREIRA, Ana Silvina de Sousa Ribeiro. *Flexão de Número dos Nomes Terminados em Ditongo Nasal à luz da Fonologia Lexical*. 2009. Diss. De mestrado. Universidade do Porto, 2009.
- HUBACK, Ana Paula Da Silva. *Efeitos de frequência nas representações mentais*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- LAO, Shanyi; RODRIGUES, Celeste; BRISSOS, Fernando. Nasalização regressiva heterossilábica (NRH) da vogal /a/ acentuada em PE. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n. 7, p. 295-317, 2020.
- LLORET, Maria-Rosa. When does variability become relevant to formal linguistic theory? In: HINSKENS, Frans; HOUT, Roeland Van; WETZELS, W. Leo. *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. P. 181-206.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina -ANA. *Sep. De Biblos (Coimbra)*, v. 57, p. 73-96, 1981.

MARTINS, Ana Maria. A evolução das vogais nasais finais [ã], [õ], [ẽ], no português. In: PEREIRA, Cilene Da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. P. 617-646.

MATEUS, Maria Helena; ANDRADE, Ernesto D'. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. Sali[ẽ]jcia social e mudança linguística: a ditongação de /e/ nasal no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 11, n. 2, p. 9-46, 2014.

PARKINSON, Stephen. Portuguese nasal vowels as phonological diphthongs. *Lingua*, v. 61, p. 157-177, 1983.

PIMENTA, Heglyn. *Nasalité et syllabe* : Une étude synchronique, diachronique et dialectologique du portugais européen. Tese de doutorado. Université Paris 8, 2019.

SAMPSON, Rodney. *Nasal Vowel Evolution in Romance*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SARAMAGO, João. O atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). *Estudis Romànics*, v. XXVIII, p. 281-298, 2006.

SEARA, Izabel Christine. *Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SOUSA, Elizabeth Maria Gigliotti De. *Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil*. Diss. De mestrado. UNICAMP, Campinas, 1994.

TEIXEIRA, António; MOUTINHO, Lurdes; COIMBRA, Rosa. Acerca das Vogais Nasais do Português Europeu. *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, n. 18, p. 241-274, 2001.

VELOSO, João. Estrutura interna e flexão de número dos nomes terminados em “-ão”: onde reside a “irregularidade”? In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. V. 1. P. 325-338.

WETZELS, W. Leo. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 9, n. 2, p. 203-232, 1997.